



AMAZÔNIA SEM LEI

Autoridades já têm linha de investigação

Em entrevista, ontem, em Manaus, representantes dos órgãos envolvidos na operação para descobrir onde estão o indigenista Bruno Araújo e o jornalista Dom Phillips anunciam terem encontrado material que consideram “relevante”

» TAINÁ ANDRADE
» ISADORA ALBERNAZ*

Michael Dantas/AFP



Delegado federal Eduardo Fontes confirmou, na coletiva com os órgãos envolvidos nas buscas, que o indigenista vinha sendo ameaçado

As autoridades responsáveis pelas buscas de Bruno Araújo Pereira e Dom Phillips já têm uma linha de investigação que pode levar ao desfecho do caso. Foi o que disse, ontem, o secretário de Segurança Pública do Amazonas, general Carlos Alberto Mansur, ao participar da entrevista na qual todos os órgãos envolvidos na operação fizeram um balanço dos recursos que vêm empregando para a solução do sumiço do indigenista brasileiro e do jornalista inglês.

Ele afirmou que as equipes encontraram um material considerado “relevante”, que permitiu traçar uma linha investigativa. Mansur também salientou que um perito foi mandado à região onde Bruno e Dom desapareceram a fim de se juntar à equipe e avaliar o que foi descoberto — cujo teor não foi especificado.

Ainda durante a coletiva, realizada em Manaus, os representantes dos órgãos envolvidos nas buscas afirmaram que não descartam a possibilidade de homicídio. Sobre o caso, conforme disse o superintendente da Polícia Federal (PF) no Amazonas, Eduardo Fontes, Bruno havia sofrido ameaças, já denunciadas por organizações indígenas. As autoridades enfatizaram que não existem, ainda, indícios de crime e que esperam encontrar Bruno e Dom vivos.

A coletiva ocorreu no mesmo dia em que a juíza Jaiza Maria Pinto Fraxe, da 1ª Vara Federal

Cível da Justiça Federal do Amazonas, determinou que o governo federal reforçasse a busca do indigenista e do jornalista. A magistrada apontou omissão, pela União, do dever de fiscalizar as terras indígenas e proteger os povos indígenas isolados e de recente contato.

“Caso as rés (a União e a Funai) tivessem se desincumbido de cumprir obrigação de fazer relativamente à proteção e fiscalização das terras indígenas em

constante alvo de invasão por garimpeiros e madeireiros ilegais, é provável que os cidadãos tivessem sido localizados, ainda que não vivos”, salientou.

Suspeito

Já na região onde Bruno e Dom desapareceram, a Polícia Militar de Tabatinga prendeu um homem de nome Amarildo, com histórico de ameaças ao indigenista e à equipe da União dos

Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja). Na residência dele, foram encontradas drogas e armas, o que justificou o flagrante.

Segundo as autoridades, não há, a princípio, ligação entre Amarildo e o desaparecimento, mas foram apreendidos elementos que podem ajudar nas investigações. Eliésio Marubo, procurador jurídico da Univaja, explicou que aguarda a audiência de custódia para entender se as provas oferecidas no processo vão

embasar a prisão preventiva.

Marubo afirma que as ameaças feitas por Amarildo foram levadas à Justiça Federal e ao Ministério Público Federal no Amazonas. A Univaja enviou, ainda, o histórico de intimidações contra os representantes da associação.

A região onde Dom e Bruno desapareceram é disputada por facções de narcotraficantes, pois é rota de fuga e de escoamento de armas e drogas.



Caso as rés (a União e a Funai) tivessem se desincumbido de cumprir obrigação de fazer relativamente à proteção e fiscalização das terras indígenas, é provável que os cidadãos tivessem sido localizados*

Trecho da decisão da juíza Jaiza Fraxe, da 1ª Vara Federal Cível da Justiça Federal do Amazonas, determinando que o governo federal se empenhe nas buscas

As principais quadrilhas que controlam no local são o Comando Vermelho, do Rio de Janeiro, e a Família do Norte, formada na periferia de Manaus.

Também estariam envolvidas as organizações criminosas Os Crias, integrada por membros dos grupos maiores, e os Caquetões, colombianos que atuam na fronteira com o Brasil.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi

Ministro “não tem noção” sobre sumiço

» TAÍSA MEDEIROS

O ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, disse, ontem, que ainda “não tem noção” das circunstâncias em que ocorreu o sumiço do jornalista inglês Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira — desaparecidos desde domingo no Vale do Javari (AM). Em audiência pública na Comissão de Fiscalização e Controle da Câmara para prestar esclarecimentos sobre compras superfaturadas de Viagra e de próteses penianas pelas Forças Armadas, ele foi questionado sobre o caso, que, conforme observou, ocorreu em uma região que classificou como “crítica” e “muito sensível”.

“O problema no Vale do Javari, quero deixar bem claro, imediatamente após a notícia circular, o ministro da Defesa

comunicou-se com os três comandantes de Força para que os três iniciassem o planejamento para o socorro à dupla desaparecida. Nós estamos falando de Atalaia do Norte um local que não se chega nem avião. Não tem campo de pouso. Chega em Tabatinga. E de Tabatinga para Atalaia do Norte, mesmo de barco já é um bom tempo”, explicou.

Conforme Paulo Sérgio, não houve atraso na ação das Forças Armadas — apesar das várias críticas de entidades ligadas aos índios e à preservação da região. “Não houve retardo. Consideradas as distâncias e o tamanho da nossa Amazônia, e a geografia da floresta e dos rios, pode parecer que houve algum retardo. Mas não houve”, frisou.

Porém, na segunda-feira, quando o desaparecimento veio à público, o Exército informou

AFP



Segundo Paulo Sérgio, tropas foram mandadas ao Javari a tempo

que só agiria “mediante acionamento por parte do Escalão Superior” — segundo nota divulgada à imprensa. Somente na terça-feira pela manhã é que o Comando Militar da Amazônia e a Marinha mobilizaram homens e aeronaves para intensificar a busca.

O ministro afirmou que cerca de 150 militares estão na região para realizar buscas em terra e

água. Paulo Sérgio disse desconhecer os motivos do desaparecimento de Bruno e Dom e relatou que o Vale do Javari é uma região “crítica”. “Tudo está sendo feito”, garantiu aos deputados.

“É uma área crítica, mas é uma área muito sensível, tem muito problema na área e a gente não tem noção do que pode ter acontecido”, explicou.

Funai: governo muda diretor de povos isolados

O governo federal exonerou Cesar Augusto Martinez do comando da Diretoria de Proteção Territorial da Fundação Nacional do Índio (Funai), vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública. A diretoria é responsável pela proteção de indígenas isolados, além de tratar de estudos e políticas de apoio a atividades de regularização fundiária, geoprocessamento, identificação e delimitação de terras indígenas. Martinez, que é delegado da Polícia Federal, será substituído por Elisabete Ribeiro Alcântara Lopes, que era assessora da Presidência da Funai. A troca foi publicada no *Diário Oficial da União (DOU)* de ontem em portarias assinadas pela Casa Civil da Presidência da República.

A substituição ocorre na mesma semana do desaparecimento,

na Amazônia, do jornalista Dom Phillips e do antropólogo e servidor da Funai Bruno Araújo Pereira. O caso ganhou repercussão internacional também pela atuação do indigenista em um projeto de vigilância de aldeias indígenas isoladas contra exploradores e narcotraficantes. Ele, inclusive, estaria tentando fechar uma cooperação entre a população nativa e os ribeirinhos para tentar impedir o avanço do crime organizado na região.

O desaparecimento preocupa as autoridades por acontecer poucos dias após os dois receberem ameaças. Segundo nota da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), Bruno e Dom sumiram quando faziam o trajeto entre a comunidade Ribeirinha São Rafael até a cidade de Atalaia do Norte (AM).

VARIOLA DO MACACO

São Paulo monitora um possível 2º caso

A cidade de São Paulo monitora mais um caso suspeito de varíola dos macacos. A Secretaria de Estado da Saúde afirmou, ontem, que um homem de 41 anos está internado no Instituto

de Infectologia Emílio Ribas. Trata-se de um morador da capital que viajou recentemente para Espanha e Portugal. Ele permanece em isolamento e teve os primeiros sintomas, como febre

e mialgia (dor muscular), em 28 de maio.

“As amostras do caso ainda estão em análise pelo Instituto Adolfo Lutz, que é a referência, e o Laboratório Central em Saúde Pública (Lacen) de São Paulo”, disse a secretária em nota. O estado de saúde de uma mulher de 26 anos com suspeita da doença também está sendo monitorado, assim como seus familiares são acompanhados.

Até a última terça-feira, o Brasil registrava sete casos suspeitos da doença em São Paulo, Ceará, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Rondônia. Não há nenhum diagnóstico confirmado.

O primeiro caso europeu foi confirmado em 7 de maio em um indivíduo que retornou à Inglaterra da Nigéria, onde a varíola dos macacos é endêmica. Desde então, países da Europa, assim como Estados Unidos, Canadá

e Austrália, confirmaram casos.

Identificada pela primeira vez em macacos, a doença viral geralmente se espalha por contato próximo e ocorre principalmente na África Ocidental e Central. Raramente se espalhou para outros lugares e é por isso que a onda de casos fora do continente causa preocupação. Existem duas cepas principais: a cepa do Congo, que é mais grave, com até 10% de mortalidade, e a da África

Ocidental, que tem uma taxa de mortalidade de cerca de 1%.

Os sintomas se assemelham, em menor grau, aos observados no passado em indivíduos com varíola: febre, dor de cabeça, dores musculares e nas costas durante os primeiros cinco dias. Erupções cutâneas (na face, palmas das mãos, solas dos pés), lesões, pústulas e, ao final, crostas. Segundo a OMS, os sintomas da doença duram de 14 a 21 dias.